

# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

### INDUSTRIA E SCIENCIAS.

#### ESBOÇO DE UMA HISTORIA DA AGRICULTURA.

(Continuado do n.º 3.)

PORTUGAL, havia pouco ainda robusto e cheio de vigor, como paiz novo e bem organizado que era, tinha, como um homem imprevidente em cujas mãos se tivesse depositado um immenso thesouro, abandonado os seus antigos habitos de trabalho para se entregar ao ocio e ao gozo insensato de bens que não podiam durar muito; trocando assim todos os recur-sos naturaes de existencia por outros ficticios e precarios, que sustentavam e consumiam simultaneamente a vida no mais intimo do seu corpo.

A consumpção foi rapida, muito rapida. Primeiro perdeu-se o gosto da agricultura, depois esqueceram as boas instituições dos primeiros monarchas, chegou a corrupção, seguiu-se a dissolução social, e por fim veio até a desaparecer o amor da patria: Portugal foi miseravelmente entregue nas mãos de Philippe II, não para que os interesses dos dois povos da Península, tão irmãos por indole, por character, por politica, por clima e por necessidade, se amalgamassem tirando força da união não por um pensamento politico que, sendo ousado, teria uma certa grandeza, e era sobre tudo fundado sobre altas razões de conveniencia industrial, mas por umas miseraveis combinações da cubiça pessoal, por traições cobardes e infames, que foram pagas a pezo de ouro, e que puzeram a nossa terra á mercê de um governo estrangeiro, estúpido, sanguinario, ridiculo e selvagem, que em vez de fazer de nós amigos e irmãos só soube fazer inimigos irreconciliaveis, que mais tarde sacudiram o jugo que lhes pezava, e tornaram a levantar em roda de si raias tão elevadas e dificeis, que ainda hoje mal se podem transpor.

A epoca da decadencia para Portugal, foi a epoca de desenvolvimento para os outros povos, excepto para a Hispanha a quem consumiam os mesmos males do que a nós, e pelas mesmas causas. A agricultura principiou a chamar a si a attenção dos homens poderosos, e a merecer os cuidados dos homens instrui-

dos, e com ella appareceu a prosperidade por toda a parte e cresceu a civilisação.

Foi na Italia que se publicou o primeiro livro moderno sobre agricultura; Crescenzió, senador de Bologna, foi o seu auctor. Este livro, denominado *In Commodium Ruralium*, foi escripto em 1300, mas só em 1478 sahio á luz pela imprensa: é evidentemente uma compilação do que sobre a materia escreveram os auctores romanos, e pouca idéa dá dos usos agricolas do seu tempo; porém uma segunda edição feita em 1548, acompanhada de figuras é em verdade muito curiosa, porque dá perfeita idéa das charruas então usadas; de que umas eram destinadas a serem puchadas por um só boi, e outras pela fórma indicam ser destinadas a ser puchadas por uma junta ou mais.

Muitos outros italianos se lançaram na carreira encetada por Crescenzió, e entre elles são dignos de notar-se o celebre Tarello, auctor do *Ricordo d'agricultura*, onde primeiro se falla da cultura alterna, e Gallo cujos *Vinti giornate dell'agricultura* tiveram mais de vinte edições.

A pratica da arte teve tambem logo na Italia um grande desenvolvimento: as irrigações, praticadas alli já antes do anno de 1037, tomaram então um lugar distinctissimo entre os meios de que o agricultor podia dispôr para augmentar a producção, e foram executadas em grande escalla sobre tudo na Lombardia, onde ainda hoje se usam os melhores processos e os mais dignos de imitar-se; na Toscana o fabrico do vinho e do azeite subiu a um gráu de perfeição muito superior áquelle a que tinha chegado no resto da Europa. O azeite de Lucca, e o vinho de Florença eram conhecidos e admirados por toda a parte. Agora mesmo a agricultura da Italia é digna de ser estudada, principalmente a da Toscana, onde a sciencia tem sabido tirar proveito do mais ingrato dos terrenos, e a do Piemonte onde judiciosos regulamentos para o commercio dos grãos, e a construcção de grande numero de canaes tem dado incremento á industria.

No meado do seculo decimo sexto appareceu tambem na França o seu primeiro livro sobre agricultura: foi um livro de Bernardo de Pallissi, intitulado *Les moyens de devenir riche*, que se occupava parti-

cularmente da economia rural e domestica. A obra de Olivier de Serres, dedicada a Henrique IV, é um livro recheado de bons principios, e de excellentes indicações praticas, que mereceram ao seu auctor o nome de pae da agricultura franceza: o *Theatre d'agriculture* deste celebre escriptor foi por muito tempo o unico trabalho completo sobre esta arte, que os francezes possuiram; é aqui que se encontram detalhes historicos sobre a introdução na Europa da batata, e muitas observações importantes ácerca da cultura da amoreira. O reinado de Henrique IV foi prospero e feliz, e debaixo dos auspicios do virtuoso ministro Sully, muitas emprezas importantes começaram, projectaram-se muitos canaes, e um chegou a ser principiado, a França abundou em grãos, vinho, gado, madeira de construcção, e tudo o que constitue a melhor parte da riqueza de um povo. Sully tendo permittido o commercio livre do trigo, uma grande quantidade delle foi exportada para Inglaterra.

As idéas industriaes de Colbért, a sua lei prohibindo a exportação dos grãos, e as desastrosas guerras de Luiz XIV demoraram por um pouco os progressos da agricultura na França: mas os trabalhos dos economistas, e a liberdade restituída ao commercio dos grãos por Fleury, ministro de Luiz XV tornaram a dar-lhe novo impulso; impulso, que foi sustentado por um grande numero de sociedades agricolas que então se formaram.

Os trabalhos de Dubamel e Rozier deram grande lustre á agricultura, que foi ainda augmentado pela publicação da viagem de Arthur Young. Então se crearam soberbas caudelarias, se introduziram na França os « merinos », e se aperfeçoaram algumas raças, como as do nomeado rebanho de Rambouillet.

Desde a revolução os aperfeçoamentos agricolas teem continuado, com algumas alternativas filhas de circumstancias politicas. Hoje o progresso é immenso, porque os auxilios das sciencias, e a severidade das observações teem dado occasião a muitas descobertas, que nem podiam ser suspeitadas pelos homens de outro tempo.

Pela mesma epoca começou na Inglaterra a merecer a consideração das pessoas eminentes a arte que nutre os homens. No começo do decimo sexto seculo Sir Anthony Fitzherbert publicou o seu livro intitulado *The Book of Husbandry*, o primeiro esforço litterario feito para instruir os agricultores inglezes. Este livro contem muito minuciosas indicações sobre o modo de melhor layrar, estrumar, e semear a terra, assim como, uma extensa dissertação a respeito das doenças dos cavallos e de outros animaes de uso domestico, e da maneira de as curar. Um outro livro deste mesmo auctor *The Book of Surveying* é destinado a dar instrucções ácerca dos castellos, bosques, e outros ramos da propriedade, contendo tambem numerosas advertencias que se referem aos methodos de aperfeçoar as terras araveis.

Cem annos passavam depois disto sem que na In-

glaterra apparecesse outro livro que merecesse com verdadeira justiça a attenção dos agricultores. Deu-se com tudo á luz uma obra de Sir Jonh Norden intitulada *Surveyor's Dialogue* que tem bastante merecimento, porque tracta com uma certa extensão dos direitos do senhor sobre a terra, dos diferentes modos de arrendamento, das diferentes especies de terras, e do modo de as corrigir, &c.

Durante o periodo da revolução appareceram á luz muitos engenhos, que as circumstancias politicas só, e a forma do governo arrancaram á obscuridade, entre elles devem distinguir-se Blythe e Hartlib. O primeiro escreveu o celebre *The Improver Improved*, publicado em 1652, trabalho muito correcto em bastantes pontos, e que contém muitas idéas, das que o tempo não tem feito senão confirmar: é nelle que primeiro se encontram idéas sobre a agricultura alterna, que depois tão vantajosamente se estabeleceu. Blythe declara-se grande inimigo dos campos destinados só a pastos communs: as suas recommendações ácerca da escolha que convem fazer de uma charrua ligeira com preferencia a outra que precise muitos animaes para a arrastarem, os muitos conhecimentos que elle mostra ter de quasi todos os estrumes hoje usados, são provas não só da sciencia deste escriptor mas do adiantamento da agricultura do seu paiz já no decimo setimo seculo. O livro do Hartlib, intitulada *Legacy*, é uma reunião de cousas heterogeneas, que contem, entre muitos principios judiciosos grande numero de regras especulativas.

Depois da Restauração algumas novidades foram trazidas a Inglaterra pelos refugiados, que tinham sido obrigados a permanecer no continente durante a revolução. Então se publicou o tractado *On the Husbandry of Brabant and Flanders* de Sir R. Weston, que tem um grande valor, por conter em si as fontes de que dimanaram depois muitos dos melhoramentos de que hoje goza a agricultura ingleza. Embaixador na côrte do Eleitor Palatino e Rei de Bohemia, Sir Weston estudou alli minuciosamente os usos agricolas, e fez delles no seu livro uma narração conscienciosa.

Os nomes de Ray, Mascall, Maryham, e Evelyn, auctores deste mesmo periodo, são conhecidos por quantos teem feitos algum estudo em economia rural; o ultimo é com tudo o que mais merece de ser notado, pelo seu livro *Silva et Terra* que goza de uma bem merecida reputação. E' porém de notar que no tempo que decorreu do Protectorado até George III nenhuma descoberta se fez no processo de cultivar a terra. Mr. Jethro Tull é uma honrosa excepção, tanto por ter introduzido novas plantas na agricultura ingleza, como pela obra que publicou intitulada *On Horse-hoeting Husbandry* em que ha com tudo um grave defeito resultado de uma falsa idéa, que vem a ser a supposição de que os estrumes podem e devem ser substituidos por lavras repetidas.

Desde o tempo de Tull muitos melhoramentos hão sido practicados na lavoura ingleza, e muitos escriptores teem illustrado a sciencia; entre estes deve fazer-se menção especial de Young, Marschal e Sir Jonh Sinclair, que todos escreveram obras cuja utilidade foi sentida não só pela Inglaterra mas pelos outros povos da Europa. Hoje a agricultura ingleza é talvez a mais perfeita de todas as que tem recebido as influencias beneficidas da sciencia moderna: e, apezar da lucta constante a que o rigor do clima obriga os lavradores; é ella uma das mais productivas.

Na Alemanha, Heresbach publicou o seu livro *De re rustica* tambem pelos meados do decimo sexto seculo, e desde então a agricultura ainda não parou neste paiz onde o estudo é feito com tanta consciencia. A cultura do Holstein pôde servir de modelo, e na Dinamarca onde o clima é um inimigo constante do agricultor esta arte floresce como nos paizes melhor dotados. A liberdade, força que impelle todos os povos ao progresso e lhes dá vida e calor, deu nesse paiz uma prova do seu poder: a emancipação dos servos nas terras da corôa e dos grandes proprietarios, deve ser contada entre as causas mais poderosas do adiantamento agricola deste povo.

Deve-se muito no Holstein e nos paizes vizinhos á filantropia do barão de Voght que estabeleceu uma quinta experimental na sua terra de Flottbeck, onde se practicam os processos indicados por Thaer, fundador da escola de economia rural de Meglin, e um dos homens mais eminentes da sciencia.

A agricultura da Alemanha tambem é agora uma das mais adiantadas, e onde as observações são feitas com maior cuidado e as experiencias executadas com intelligencia.

Vê-se pois que a Europa se lançou no caminho da industria, que lançou os olhos á terra para nella buscar recursos, para nella ganhar a subsistencia laboriosa, quando Portugal e Hispanha se abandonavam á conquista facil de riquezas inexgotaveis, mas que um dia lhes deviam fugir das mãos, e esqueceriam o trabalho pelas festas e combates, a frugalidade pelo luxo corruptor, a força social pela desorganisação e a immoralidade.

Foi justamente na epoca em que nós nos lançavamos com ardôr febril no caminho perigioso das descubertas, isto é, no meado do seculo decimo sexto que a agricultura começou a ser estudada como sciencia nos principaes paizes da Europa. Os trabalhos de Crescenzo na Italia, Palissy e Liebault na França, Heresback na Alemanha, Fitzherbert em Inglaterra, publicados por esta epoca, pozeram solidas bases a todos os progressos futuros. A arte recebeu um impulso novo com a paz estabelecida em Aix-la-Chapelle no meado do seculo seguinte. Durante o seculo dezoito a Europa não parou no seu caminho de descubertas e aperfeiçoamentos, e a arte deu um grande passo. No nosso seculo, em fim tudo se tem desen-

volvido á sombra da sciencia, a luz tem apparecido por toda a parte.

Portugal, só, recuou quando os outros iam ávante. Duas doenças profundas o consumiam a ignorancia, e a preguiça: vicios necessarios do rico, que são a morte infallivel do pobre.

(Continua.)

## UM BOTANICO HISPANHOL.

A caba de passar por esta cidade o Professor Dr. Miguel Colmeiro, Lente de botanica na universidade de Sevilha, e membro de varias sociedades scientificas. Este joven naturalista tem já dotado a sciencia dos vegetaes com muitas obras apreciaveis, que revelam um engenho nada commum, e uma grande perseverança de estudo e de applicação.

É natural de S. Thiago na provincia de Galliza, estudou as sciencias medicas na academia de Madrid, e as sciencias naturaes no museu desta capital. O celebre La-Gasca foi o seu mestre de botanica, a cujo estudo se dedicou com mais especialidade.

O Sr. Colmeiro foi primeiramente professor desta sciencia em Barcellona, e dirigiu o jardim botanico desta cidade desde 1842 até 1847. Passou depois para a universidade de Sevilha, onde exerce do mesmo modo o magisterio.

A sua primeira producção scientifica foi um *ensaio sobre a historia e progressos da botanica hispanhola*, obra onde apparece bastante erudicção a par de uma critica esclarecida.

Concorrendo ao congresso de sabios celebrado uma Lucca em 1843, aonde fôra representar a academia das sciencias naturaes de Barcelona, leu alli uma memoria por elle composta e escripta na lingua italiana, que tem por titulo = *Principi che devono regolare una flora applicati particolarmente alla formazione de la spagnuola*. Neste opusculo encontramos, a par do perfeito conhecimento das obras dos botanicos hispanhoes, reflexões as mais technicas e judiciosas tendentes a dotar a hispanha de uma flora, de que inda desgraçadamente carece; visto que a de *Quer* não merece verdadeiramente este nome.

A sua memoria *sobre o modo de fazer as herborisações e os herbarios* impressa em Madrid em 1847, merece ser pausadamente reflectida.

Sem fallarmos de varios outros opusculos do Dr. Colmeiro insertos no *boletim da academia das sciencias naturaes de Barcelona*, e no *periodico da sociedade medica de emulação* da mesma cidade, e recentemente no *boletim official de instrucção publica*, limitar-nos-hemos a citar o seu *catalogo methodico de plantas observadas em Catalunha*, onde se manifesta uma grande erudicção botanica, e um verdadeiro ta-

lento de observação. Esta obra, que é uma especie de introdução á *flora catalã e perinaica* apresenta-nos observações muito curiosas sobre a vegetação da Catalunha comparada com a das regiões central, e meridional de hispanha.

São mil e quinhentas as plantas espontaneas enumeradas e classificadas neste cathalogo; e isto faz vêr que a sua collecção e redução fôra acuradamente feita; e que a flora desta provincia é em verdade riquissima. Esta obra impressa em Madrid em 1846 merece ser possuida por todos os botanicos, que tomam interesse pela parte phitographica, e mesmo philosophica da sciencia dos vegetaes.

Consta-nos que o Sr. Colmeiro trabalha incessantemente na reunião de materiaes para a publicação de uma flora de Hispanha, obra, a que pertende votar-se com aquella dedicação, que só pôde guiar e sustentar trabalhos tão arduos e difficeis. Nós não julgamos esta espinhosa tarefa superior ás forças do Sr. Colmeiro. A sua paixão pela botanica é tão ardente que nos deixa muito a esperar das suas luzes, e dos seus esforços. — Sabemos tambem que este moço e estimavel naturalista tem concluido um trabalho biographico de todos os botanicos e botanophillos da península — trabalho, que teve a deferencia de nos confiar, e que vae ser incessantemente publicado. Na sua passagem por esta capital procurou colligir o maior numero possivel de noticias biographicas sobre botanicos portuguezes. Visitando o jardim botanico da Ajuda, sabemos que manifestára grande satisfação, vendo muitas especies novas introduzidas neste jardim, e admirando algumas das suas ricas collecções de especies exoticas. A bella e pomposa vegetação da *carica papaya*, do *pinus cedrus*, do *dracona dracus*, do *schinus molle*, do *ficus beijamina*, e de varias outras plantas exoticas foi objecto de admiração para o Sr. Colmeiro, que considerou o clima de Lisboa muito mais proprio para a vegetação em geral do que o de Sevilha, e Andaluzia. Este naturalista mostrou desejos de se pôr em relação com o director deste estabelecimento, e lamentou que estas duas nações que tão irmãs são em tudo, e que tanto deviam fraternisar e coadjuvar-se, não se conhecessem melhor, e não entretivessem as mais estreitas relações litterarias e scientificas.

Nós achámos summamente judiciosa esta observação do Sr. Colmeiro; e deve na verdade maravilhar a mutua ignorancia, em que portuguezes e hispanhoes nos achamos todos relativamente aos trabalhos e publicações litterarias da península. E' sem duvida pasmoso como duas nações, que fallam dois dialectos da mesma lingua, que habitam a mesma península, que tem quasi as mesmas leis e os mesmos costumes, que professam a mesma religião, e que tem atravessado em todas as epochas quasi a mesma carreira de gloria, e de decadencia, de prosperidades e de infortúnios; é na verdade pasmoso como estas duas nações

que a natureza fizera tão semelhantes, se desconhecem, se desdenham, e ás vezes até se maltratam.

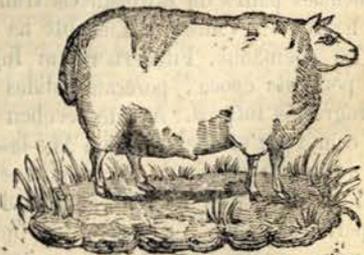
*José Maria Grande.*

## CARNEIROS INGLEZES.

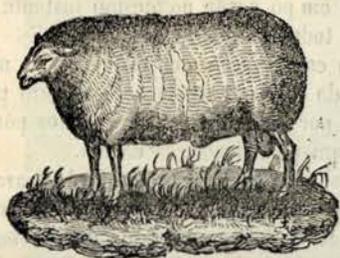
O CARNEIRO é um animal que habita quasi todos os pontos do globo: a sua fórma, a espessura, a grossura da sua lã são circumstancias que, variando, concorrem para o adaptar á grande diversidade de climas em que elle se encontra. Na Europa é este util animal cultivado muito particularmente, mas em nenhum paiz esta cultura tem chegado a tão grande apuro como em Inglaterra. Ha quatro especies de carneiros: o carneiro *commum*, o da Siberia, o da America, e o de Créta: destas a mais vulgar é a do carneiro *commum*.

Os inglezes consideram com razão o carneiro como um dos animaes de maior importancia em agricultura, não só em relação á sua nação mas em relação ao proprio agricultor: porque pode ser creado em situações e sólos que não comportam outra especie de gado, e porque, em geral, dá um lucro maior do que o que se pôde obter de outra qualquer especie de rebanhos. A lã que se colhe do carneiro é uma materia prima da maior importancia, e que não pôde ser obtida de outra alguma especie. Por muitos annos este valioso ramo da agricultura foi seriamente estudado em Inglaterra, e desse estudo e de experiencias feitas conscienciosamente, resultou um progresso maravilhoso, que tem sido da maior utilidade para os especuladores e para a sociedade em geral.

Por processos que seria agora mui longo explicar, mas a que contamos dar desenvolvimento proximamente em artigo especial, os agricultores inglezes chegaram a obter um tão grande numero de variedades do *carneiro commum*, que é difficil classificar-as regularmente: podem com tudo dividir-se em dois grupos fundados sobre o comprimento das lãs, e a ausencia de pontas, ou dividir-se segnndo os districtos em que se supõe que cada variedade é mais abundante, tem attingido maior perfeição, ou teve origem.



O carneiro de que damos aqui a imagem é o de Teewater: este carneiro tem uma lã comprida pesada e de excellente qualidade, pernas finas e altas sustentando um esqueleto grosso, forte, e pesado; a sua carne é succulenta e muito gostosa, pesando cada quarto desta variedade de 25 a 35 libras; em alguns criados particularmente, tem-se obtido o peso de 55 libras e mais. Não ha duvida que estes carneiros vieram do mesmo tronco que deu origem a outra variedade de carneiros inglezes denominados de Lincolnshire, que tem um aspecto muito diverso. Esta variedade é muito mais pequena que a especie originaria, com tudo reúne qualidades que a tornam muito estimavel, sobre tudo para paizes em que houverem pastagens nutritivas.



Os carneiros denominados *new Leicester*, de que acima damos o desenho, differencam-se das outras variedades de lã comprida pelas suas cabeças desarmadas, pelas costas direitas, largas, e planas, corpo abaulado, pernas delgadas, e facilidade que possuem de engordarem logo nas primeiras edades. Esta ultima propriedade é da maior importancia e faz desejar que esta variedade se generalise. Estes carneiros são estimaveis ainda pelo gesto especial, e o tenro da sua carne, a melhor de todas as dos carneiros de lã comprida. Os carneiros de dois annos pesam por quarto de 20 a 30 libras. O vello da lã da tosquia de cada anno pesa de 6 a 8 libras.

#### CONSERVAÇÃO DAS SUBSTANCIAS ANIMAES.

Nos paizes quentes como o nosso é tal a facilidade com que se corrompem as substancias animaes destinadas á nutrição, que convem que de todos sejam conhecidas as causas deste phenomeno prejudicial á economia domestica e á higiene, e os meios de paralisar a acção destruidora dessas causas.

As causas principaes que produzem a corrupção das substancias animaes são, o ar, a humidade, o calor, e a electricidade.

O ar é o agente de toda a corrupção; pelo seu oxigenio elle actua sobre as substancias organicas, e pro-

move a sua decomposição. Uma porção de carne mettida de baixo de uma campanula de vidro, em que haja ar, decompõe-se e apodrece; porém se dentro da campanula houver outro qualquer gaz, ou se não houver gaz algum a carne fica intacta.

A humidade favorece tambem as decomposições. É de todos sabido por experiencia, que um dia de humidade dá á carne um cheiro particular de bafo, que é um principio de decomposição.

O calor n'um certo gráu médio, de 10 a 26 gráus, activa a decomposição, e é-lhe mesmo indispensavel; n'um gráu mais elevado, ou n'um gráu inferior já a decomposição tem logar mais lentamente.

A electricidade tambem tem uma acção conhecida, e facil de observar: um tempo de trovoadas faz azedar o leite, ou apodrecer a carne.

Conhecidas as causas da decomposição das substancias animaes, facil será agora comprehender os principios em que se fundam os methodos para lhe evitar a acção perniciosa.

O primeiro methodo que se apresenta para preservar as substancias da decomposição, é pô-las fóra do contacto do ar: para isto podem metter-se dentro de uma caixa, subtrahir-lhe o ar pela machina pneumatica, e depois fechal-a hermeticamente. Nós sabemos porém que a parte do ar que é prejudicial é o oxigenio, por isso para o nosso fim basta que o gaz contido na caixa esteja delle privado; é o que se consegue pelo methodo Appert, que é o seguinte: fecha-se a substancia n'uma caixa de vidro ou lata hermeticamente fechada, e que fique bem cheia, mette-se depois a caixa n'um banho maria, o ar decompõe-se, o oxigenio combina-se logo com a substancia, e os gazes que ficam dentro da caixa, sendo o azote e o acido carbonico, a substancia organica não corre risco de apodrecer.

Fazendo esta operação com cautella, em vasos bem cheios, bem fechados, e que estejam no banho-maria tempo sufficiente, podem-se conservar carnes cozidas, com todas as suas propriedades, por um grande numero de annos.

Este methodo acha-se provado pela experiencia. O conselho do almirantado de Inglaterra, fez confeccionar grande numero destas caixas, e, para as fazer soffrer prova decisiva, fel-as transportar á linha; ficaram alli dois annos; trazidas depois a Londres foram de nova embarcadas a bordo da *Fury*, na viagem do capitão Parry, ao pólo: dois annos depois o capitão Ross, sendo mandado ás mesmas paragens, em busca da *Fury*, ficou encalhado no gelo por espaço de tres annos, porém tendo encontrado as caixas abandonadas pela primeira expedição, achou nellas abundante nutrição para a equipagem do seu navio. O capitão Ross trouxe a Inglaterra cinco destas caixas, que observadas por uma commissão competente mostraram a excellencia do methodo.

Tambem se tem recorrido ao methodo de lan-



## LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



A ESTAMPA que damos hoje é a copia de um quadro da eschola moderna ingleza, representa a conducção de um veado, apanhado pelos Highlanders nas serras. O auctor deste quadro é Mr. Abraham Coopêr, pintor que occupa um lugar eminente entre os artistas britannicos, sobre tudo como pintor de animaes: as suas copias de cavallos são principalmente muito admiradas pela grande fidelidade e profundos conhecimentos anatomicos que nellas se nota. Os seus retratos de cavallos são não só de uma extrema exactidão; mas até de uma expressão admiravel: ha quadros deste pintor, representando scenas de guerra, em que o cavallo faz um papel principal; citam-se entre outros o seu « Cromwell em Marston Moor » e o seu « Ricardo Coração de Leão. »

Mr. Cooper tem applicado muito o seu estudo aos varios incidentes da vida dos Highlanders da Escocia, que tem illustrado com o seu pincel, já pintando os *poney*, já os cães, já os usos do povo daquella região. A pintura que da-

mos pertence á este genero de obras do auctor; e representa, como já dissemos, dois Highlanders conduzindo para casa um veado. O combate travou-se no cimo das montanhas cobertas de matto, e a preza caiu nas mãos dos caçadores denodados: o animal que tantas vezes saltou os picos da serra sem poder ser alcançado na sua carreira veloz, desce agora para o valle atado ao cavallo selvagem, e áspero como os climas desabridos a que pertence,

As caçadas dos Highlanders são feitas de um modo muito diverso do usado nos outros pontos da Inglaterra. Alli os veados são por tal forma desconfiados, tem tal ligeireza que o alcançal-os é quasi impossivel: uma espera paciente e cautelosa é o verdadeiro meio de obter a preza: depois o caçador é obrigado a perseguil-a de rocha em rocha, de serra em serra, até a têr ao alcance da espingarda, e então ainda necessita possuir tão certa pontaria que a fira do primeiro tiro. São precisos cuidados infinitos para enganar

a vigilancia do cioso animal; o movimento só do ar quando o caçador o agita com os seus passos, é sufficiente para dar alarme aos selvagens habitantes do matto.

O cão usado neste genero de caça é o grande cão de caça dos Highlanders, que se conserva prezo até o veado estar ferido: elle o persegue ladrando, e muitas vezes se trava entre ambos um terrivel combate. O *poney* empregado para a conducção da preza é tambem da raça grosseira dos *poncys* Highlanders, e é muitas vezes mais pequeno que a peça de caça que conduz. O caçador traça ordinariamente uma jaqueta escosessa, uma cinta, um saiote, e uns sapatos abundantemente armados de grandes prégos.

Na pintura de Cooper a vida destes singulares caçadores está toda representada n'uma scena da sua existencia laboriosa, e que mostra as grandes analogias que ha na vida em geral dos habitantes das serras.

---

A ULTIMA CORRIDA DE TOUROS REAES EM SALVATERRA.

O SENHOR D. José, primeiro do nome, em Salvaterra era um rei em ferias; os maledicentes diziam em segredo, que em Lisboa S. Magestade estava ao torno, e o Marquez de Pombal no throno. Este proverbio fôra tirado da habilidade mechanica do Monarcha, como torneiro, e do character dominador do Marquez, como ministro.

Em Salvaterra o esposo de D. Marianna de Austria não tinha torno. Caçava, jantava, e á noute bocejava duas horas no bello theatro, que lhe sobreviveu. Entre tanto o Marquez ia enchendo decretos com a assignatura real em branco, e fazendo o seu officio de Richelieu ao pé do segundo Luiz XIII.

Estava-se em plena primavera. A amendoeira cobria-se de flores côr de esperanza; os bosques ramalhavam; os campos vestiam-se de matiz; e a briza doudejando era uma indiscreta, que ora arregaçava o véu á formosura, ora roubava, com um beijo, o suspiro perfumado á rosa virginal. Tudo era cantico... os rouxinoes nas arvores, o coração pelo amor, a natureza no sorriso ao sol, que a illumina.

Uma tourada real chamára toda a côrte a Salvaterra. A nobreza, respirava nesse dia alguns instantes em desafogo. Eram famosos os touros, esbeltos os cavalleiros, pomposo, e adoravel o amphitheatro, que as damas ornavam com a sua belleza. O prazer desvairava todas as cabeças, mais de uma esperanza ardia no coração dos nobres combatentes, e sobre tudo nesta grande funcção a nuvem negra não estava entre o sol e os olhos que o adoram... O Marquez de Pom-

bal não podia sahir de Lisboa, aonde o detinha a questão do embaixador de Hispanha.

Contava-se nesse dia, pelos recantos do paço, um dialogo bastante vivo entre o enviado castelhano e o ministro portuguez, que uns louvavam com admiração para os ouvidos das paredes fazerem constar o seu zelo; e outros arrastavam, cruxificado em todas as columnias e novellas difamantes, a que o odio dera curso forçado. As devotas e os fidalgos puritanos eram pelo hispanhol, e pediam a Deus que o receio da guerra pozesse termo á tyrannia do plebeo-nobilitado. Os magistrados e os homens de capa e volta, eram pelo Marquez, e respondiam com um riso tossido para dentro a esta fogosa devoção pelo throno e pelo altar.

O Marquez de Pombal negára concessões, que o ministro castilhano exigia imperiosamente em nome da sua côrte. — « Pois bem, atalhou o hispanhol, um exercito de sessenta mil homens virá a Portugal e... »

O Marquez tinha-se assentado, e com a tremenda luneta assestada, sorria-se da Quixotada.

— « Fará o que?... » perguntou com o ar mais pacifico do mundo.

— « Fará entender a razão e a justiça de meu Amo a « V. Ex.<sup>a</sup> », retrucou meia oitava acima o castilhano, que suppunha o ministro fulminado.

O Marquez de Pombal carregou o sobrolho, deu á physionomia o character duro de expressão (a que chamavam descer a viseira), de que o seu real pupilo tremia até, e cravando a vista e a luneta no diplomata vanglorioso, replicou serenamente.

— « Sessenta mil homens muita gente é para casa tão pequena — mas El-rei meu Amo e meu Senhor ha de achar modo de os accommodar. Mais pequena era Aljubarrota, e couberam. Póde V. Ex.<sup>a</sup> responder isto ao seu governo. »

E levantando-se para despedir o Embaixador, acrescentou — « V. Ex.<sup>a</sup> deve saber que cada um em sua casa pode tanto, que ainda depois de morto são precisos quatro homens para o tirar. »

O Embaixador recebeu a lição, jurando por *Dios e por la Virgen!* e o Marquez preparou-se para a guerra.

O caso é, como diz o nosso Zeferino na comedia do Sr. Garrett, que o Marquez era um grande ministro, e que fazia muito pela nação. Hoje ha pouco quem responda assim a proposito á soberba dos pretores diplomaticos.

O Marquez tinha gosto pelas artes e pela erudicção, protegeu-as, e animou-as. Muitas devem-lhe quasi tudo; esse pouco, que são, fizeram-se ao bafo delle. Se a industria não cresceu e não sahiu da infancia, a culpa foi da preguiça deste povo, que não soube aproveitar-se... Mas vamos aos touros reaes. Desses é que o Marquez não gostava nada; queri-os ao arado, e não á garrocha; os toureadores parecia-lhe melho r, se eram fidalgos, que servissem o reino com a penn a

ou com a espada; se eram mechanicos, que lavrassem, tecessem, e ganhassem riqueza honrada para si e para a nação.

D. José I que deixava fazer tudo ao seu ministro, quanto aos touros não admittia replica. Era rei nisso. Os fidalgos, pois, tinham dois prazeres na função: o gosto nacional, e a sabida má vontade do Marquez. Desatender o ministro pela mão do rei era um delicto sem nome, um triumpho completo.

Demais a severa pragmatica não tinha força de lei n'um dia destes. Estava-se em plena anarquia de vestuario. As bordaduras d'ouro, as sedas e veludos de fóra, talhados á moda franceza, resplandeciam ao sol do amphitheatro com as côres mais alegres, em que realçavam os bordados luzentes, desenrolando-se-lhe por cima os ondeados caracos das empoadas cabelleiras. . . . As damas, com todas as graças dos tufados e donaires, e dos toucados altos, em que se emoldurava o bello oval do rosto, debaixo dos quaes scintillavam olhos negros, que sorrindo accendiam desejos, eram um estímulo para todos os campeadores da lide, eram uma esperança para alguns delles, mais felizes.

Na tribuna real correram se as cortinas; chegára le-rei, e todo o vistoso cortejo entrou ao mesmo tempo pelos camarotes. Ondeou um oceano de cabeças descobrindo-se; todos os olhos se fitaram na tribuna e nos camarotes, e de lá abaixaram-se para a praça, aonde resoavam as charamellas reaes. Apareceram os cavalleiros, todos fidalgos dos mais distinctos, — encostavam a lança ao estribo, e na gualdrapa dos corseis traziam bordados, sobre veludos, os seus antigos brazões. As plumas dos chapéos debruçavam-se com elegancia em cocar matizado, e as espadas em bainhas de prata lavrada pendiam de um rico talim de ouro e seda. Os Capinhas e os Forcados vestiam com garbo á castelhana antiga, e traziam estampado no rosto o ardor do combate.

Entre os cavalleiros distinguia-se o Conde dos Arcos, filho do Marquez de Marialva. O seu traje era talhado á Luiz XIV todo preto, de veludo. Da capa, do chapeo, e do corpete, só destacavam as soberbas rendas dos punhos, da gorgeira, e dos joelhos, onde a liga bordada deixava fugir com arte os tufos de cambraieta finissima. O Conde era de estatura ordinaria, proporcionado, e elegante em todos os movimentos. Á palidez interessante do rosto dava alma e expressão o fogo de uns olhos pretos, bem fundidos, davam graça as ramosas pestanas, que abaixando-se faziam sombra na face. A cavallo tinha uma facilidade não estudada, uma nobreza natural de porte, que arrebatava a todos. Filho do primeiro cavalleiro, talvez da Europa, elle e o corssel, ajustavam-se n'uma só peça, realisando a imagem do centauro. A gentileza, com que percorreu a praça, demandando o fogoso cavallo sem se perceber o menor esforço, atrahiu-lhe vivos e prolongados applausos. Na terceira volta o corssel quasi

que veio ajoelhar-se instantes diante d'um camarote, a mão do cavalleiro pousou-se sobre o coração, e uma dama corando, e occultando á pressa com o véu as rozas accezas no rosto, revelaria um segredo d'amor, se alguem n'um momento rapido como o fuzilar do relampago podesse adivinhar o que dois sabiam só. El-rei, sorriu-se para elle, quando o cortejava pela ultima vez dizendo para o lado — « porque virá o Conde de luto á festa? »

— « E' pelos seus amores. »

— « Será presagio? »

A conversação parou aqui. Ia começar o combate. Não é nosso proposito descrever uma corrida — todos teem assistido a ellas, e sabem de memoria o que offerece de mais notavel o espectáculo. Diremos só que a raça dos bois era Andaluza, e que não havia embolação. Nada diminuia, pois, a poesia da lucta, ou as probabilidades do perigo.

Tinham-se picado já alguns bois, e os engraçados sorrisos das damas premiavam a destreza dos cavalleiros. Abriu-se a porta do curro, e um touro preto, correu á praça. Era um verdadeiro boi de circo: — as armas compridas e affiadas reviravam-se nas pontas; as pernas delgadas e nervosas promettiam incrível ligeireza; todos os movimentos revelavam força prodigiosa. Apenas chegou ao meio da praça estacou deslumbrado, sacudiu a fronte soberba olhando para os lados, e escavando o chão com impaciencia soltou um mugido fero no silencio geral, que succedera á grita e ás palmas dos espectadores. Dentre em pouco os capinhas salvando a trincheira de um pullo, fugiam á sua espantosa velocidade, e dois ou tres cavallos, expirando, attestavam a sua furia.

Nenhum dos cavalleiros apparecia. Houve uma pausa durante a qual o touro vencedor percorria a arena, desafiando novos combatentes. De repente viu-se o Conde dos Arcos, firme na sella, esperar o impeto, e a haste flexivel da farpa ranger e estallar, cravando o ferro no muscuroso pescoço do touro. Um rugido tremendo do boi, a immensa aclamação de todo o amphitheatro, e a brava alegria do combate resoando nas trombetas e charamellas, encerraram este brilhante episodio. Quando o nobre mancebo passava debaixo do camarote, diante do qual fizera um pouco ajoelhar o corssel, a mão breve e alva de lyrios de uma dama deixou-lhe cahir aos pés uma roza. Curvando-se com graça nos arções, o Conde, a todo o gallope colheu a flor na lança, levou-a aos labios, e mettu-a no peito sobre o coração. Depois, investindo para o touro, que a raiva concentrada tornava immovel, traçou em volta delle um circulo sem o excitar a sahir á sorte. O boi escavava o chão, e sacudia a cauda. No seu ardor o mancebo esqueceu o perigo, e, pago até da morte com o sorriso, que os olhos tinham furtado de longe, quasi que arrepiou a fronte do teuro com o ferro da lança. O animal precipitou-se então de um impeto, cégo, e terrivel. Trespassa-

do o corcel rollou na arena; — o cavalleiro, tambem ferido, não se pôde levantar. Affugentando tudo em redor de si, o touro veiu sobre elle, tomou-o nas armas, arremessou-o aos ares, esperou-lhe a queda nas pontas, e só o deixou, quando assentando a pata sobre o corpo, se persuadiu de que o seu inimigo era um cadaver.

Esta scena passou-se, como o clarão d'uma scintilla. A tragedia estava consumada, antes de ter morrido o ecco dos ultimos applausos. Um silencio, em que se conglobava a agonia de milhares de corações reinou em todo o circo. Rei, vassallos, e damas, meio corpo fóra dos camarotes, sem respirar, olhavam para a praça, e um instante depois olharam para o ceu como para seguir a alma, que dalli voava envolta em sangue ao throno do Senhor dos imperios. Quando o cavallo cahiu, um brado composto de mil ais, resoou na arena. Quando o mancebo, dobava nos ares, e expirava antes de tocar o chão, um gemido stridente, unico, de suspiro e choro ao mesmo tempo sahiu de um camarote, e cahiu como uma lagrima de fogo sobre o cadaver. Uma dama desmaiando mortal nos braços de outras tinha gemido aquelle grito, sem nome possivel, como derradeiro ai do coração ao rebentar no peito. El-rei D. José, com o rosto entre os punhos não fallava; — a côrte, petreficada, não se movia.

Mas a tragedia não estava consumada. Mais prantos iam derramar-se talvez ainda — o terror e a piedade iam cortar de nova magoa o peito de todos...

Do seu lugar o Marquez de Marialva tinha assistido a toda a scena; revendo-se na gentileza do filho, os olhos e o coração do pae acompanhavam todos os seus movimentos, e pareciam adivinhar o perigo, brilhando de prazer a cada sorte feliz. Logo que o touro negro se arremessou á praça o rosto do Marquez carregou-se de uma nuvem. Quando o Conde dos Arcos sahiu a farpeal-o as feições do velho contorcidas pelo receio tornaram-se immoveis; a bocca não respirava; a vista não se despregava deste duello cruel, em que o amor paterno vertia sangue.

De repente o Marquez soltou um grito soffucado, levou as mãos aos olhos, e apertou-as depois, sobre o coração. Os seus temores tinham-se realisado; cavallo e cavalleiro rolavam pela arena; a esperança só pendia de um fio mais delgado que um cabello. Cortou-lhe essa mesma a morte, e o pae, vendo-se orfão do filho que era a luz da sua alma, e o orgulho da sua velhice, não disse uma palavra, não chorou uma lagrima. Os joelhos faltaram-lhe, curvou-se debaixo da adversidade, que para elle pezava o mundo, e virando o rosto ao ceu, moveu os beiços, sem expirar o menor som, sem ter força de mover um braço...

Passados instantes ergueu-se. A palidez de gesso da face tingiu-se repentinamente de vermelhidão febril. Os cabellos, alvos de neve, hirtos e desgrenhados, na frente inundada do suor da agonia, eram os

espinhos de uma juba de lião. Nos olhos mortaes luziu um brilho momentaneo, ardeu em entusiasmo sinistro, e faiscou depois o raio de uma cholera em que se accumulavam as dores de pae, e a ancia da vingança. Erecta de um impeto a alta estatura fez-se agil e robusta, como se lhe corresse nas veias o sangue do mancebo, que chorava. Por acto mechanico levou a mão ao lado para arrancar a espada e meneou depois tristemente a cabeça. A sua boa espada tinha-a elle proprio cingido ao filho neste dia, que julgára dia de gloria e só o fóra de eterno lucto...

Dahi sem esperar mais, sem querer ouvir nada, rapido como a seta, que foge ao arco, desceu os degraus das escadarias do amphitheatro com o passo tão firme e resolutivo, como se as neves de setenta annos lhe não vergassem a fronte...

« Sua Magestade ordena ao Marquez de Marialva, que espere aqui as suas ordens! » Disse um camarista, enviado da tribuna, pegando-lhe no braço.

O velho fidalgo estremeceu de sobresalto, como homem que accorda de um pezadello, e fitou no seu interlocutor os olhos pasmados, onde reluzia o fogo concentrado de uma idéa immutavel. Desembaraçou-se depois da mão, que o sustinha, e desceu mais dois degraus.

« Sua Magestade acha, que este dia é já bastante triste. Não quer perder dois vassallos na mesma hora. O Marquez não obedece ás ordens de El-rei? »

« O rei manda sobre os vivos, e eu vou morrer... — respondeu asperamente em tom abafado. — Está alli o sangue de meu filho — e apontava para o cadaver — El-rei pôde tudo, menos desarmar o braço do pae, menos deshonrar os cabellos brancos de um velho, que o serviu cincoenta annos... Deixe-me passar, e diga isto a Sua Magestade. »

D. José I, viu levantar-se o Marquez de Marialva e adivinhou logo o seu pensamento. Amava no Estribeiro Mór as virtudes asperas e leaes dos bons portuguezes d'outro tempo, porque daquella bocca nunca sahiu senão a verdade. A idéa de o perder por um desastre, era-lhe insupportavel. Apenas soube, que elle não accedia á sua vontade, fez-se branco de jaspe, apertou os dentes, e com as mãos fechadas e o corpo convulso quasi todo fóra da tribuna, aguardou em mortal e ancioso silencio o desfecho desta horrenda lucta.

O Marquez de Marialva entrava na praça a esse tempo. Sem tremer, sem descorar, firme como um romano antigo soffucava o coração dentro do peito, e não via senão a vingança, que alli viera saciar.

Todo o ajuntamento, por um impulso instantaneo e magnetico se pozera de pé, descuberto, na tensão dolorosa que em um só sentido concentra os outros todos.

Deixai-o ir, o velho cavalleiro de D. João V. A dôr que o ferio não tem igual na terra. O fogo que

empresta vida e dá vigor áquelle corpo já curvado para o tumulto é a desesperação. Deixai-o passar, e de joelhos! Saudai nelle a magestade do infortunio.

O pai inclinou-se sobre o cadaver do filho, e pousou-lhe um osculo na fronte; depois desabrochou o talim e cingio-o; tirou a espada, e correo-lhe a vista pelo fio e pela ponta de dois gumes. Passou no braço a capa, e poz na cabeça o chapéu preto ornado de plumas brancas. D'ahi, foi postar-se no meio da praça, mediu o touro, devorou-o com os olhos, e chamou-o com a capa. Ferido de tantos golpes, e sobrado por tamanhas comoções o joelho não tremia, o pé era firme como a estatua no pedestal.

Fez-se um silencio gélido e tremendo em todo o circo. Podiam-se ouvir as pulsações do seu coração, se n'aquella alma de bronze o coração podesse mais, que a vontade.

O touro vouu direito a elle e vê desaparecer de subito ante si o inimigo. De todas as vezes, que na sua furia se atira cego para o calcar, a destreza e o sangue-frio do Marquez, esquivam-no á pancada, furtam-lhe o alvo, e illudem-lhe o golpe. Os ilhaes do touro árfão de fadiga; a espuma alveja-lhe na bocca; os olhos agonizam desfallecidos, e as pernas vergam, e resvalam. O homem, seguro de si, com a certeza da vista desvia o perigo, e com rara ligeireza gira em redor d'elle, sem recuar um passo.

Durava ha meia hora o duello. A vida de todos os que o seguiam com doloroso terror estava resumida nos olhos. Ninguem applaudia, ninguem tirava a vista um instante do logar do combate. A immensidade da cathastrophe era tal, que só o mais completo silencio a podia expressar.

De repente o rei deu um brado, e retirou-se á pressa para dentro da tribuna. O Marquez aparava a peito descuberto o impeto do touro. Alguns sentiram o coração esfriar-lhe no peito; muitos ajoelharam, e rezaram por alma do ultimo dos Marialvas. Esta pausa, que durou um instante só, foi para todos um anno de agonia. Depois, por entre as nevoas de que a tremula pupila embaciava a vista, viram confusamente o homem debruçar-se para a fera, o braço levantar-se, a espada scintillar nos áres, e sumir-se depois até aos copos detraz da nuca do animal. Um rugido, que atroou o circo, e o baque do immenso corpo na arena foram o extremo acto deste drama.

De toda a parte soaram clamores de admiração e de jubilo. O Marquez tinha dobrado o joelho á força do golpe, e levantava-se vagarosamente para se ir abraçar ao cadaver do filho, e banhal-o de pranto, aquecel-o de suspiros, e cubril-o de beijos.

O touro ergueo-se ainda, e cambaleando com a sezão da dôr, foi apalpar o sitio, onde queria morrer. D'ahi ajuntou os membros, e deixou-se cahir sem vida sobre o corpo do cavallo do Conde dos Arcos.

Neste momento os espectadores, olhando para a tribuna, recuaram com espanto. El-rei, de pé, e mui-

to palido, tinha ao lado o Marquez do Pombal, coberto de pó, e com todos os signaes de ter viajado depressa. Sebastião José de Carvalho, com os braços cruzados, voltava as costas á praça, e fallava com animação ao monarcha. Pouco se demorou El-rei D. José, mas o Marquez não mudava de posição — punindo com o seu desprezo a barbaridade do circo.

— «Temos guerra com a Hispanha, Sr.; V. Magestade permite que os touros lhe matem aqui o tempo e os vassallos!... Se vamos por este caminho vai Portugal á vella para Castella».

«Foi a ultima corrida, Marquez. A morte do Conde dos Arcos acabou com os touros para em quanto eu viver.»

«Deus o queira, Sr. Não ha tanta gente nestes reinos que se possa dar um homem por um touro. V. Magestade permite que eu vá consolar da sua parte o Marquez de Marialva?»

«Vá, e diga-lhe...»

«O que elle me diria, se Henrique estivesse como está o Conde.»

El-rei sahiu logo da tribuna, e o Marquez de Pombal, entrando na praça, em toda a magestade da sua estatura elevada e grandiosa, levantava nos braços o pai inconsolavel, e dizia-lhe com severidade amigavel:

— «Então, Sr. Marquez? — Os portuguezes como V. Ex.<sup>a</sup> são para dar exemplos de grandeza d'alma. Tinha um filho, Deus tirou-lho — altos juizos seus! E' resignar-se... Temos guerra com Hispanha, e El-rei meu Amo e meu Sr. precisa da sua espada e do seu conselho.»

E travando-lhe do braço, quasi quasi que o levou arrastado até o metter na carruagem.

Com effeito D. José I cumpriu a palavra dada ao seu ministro. Nunca mais houve touros reaes em Salvaterra.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

### CAPITULO III.

Nem sempre a voz do povo é voz de Deus.

(Continuado do n.º 3.)

Tres dias permaneceu silencioso o antigo alcacer. No quarto o novo rei, montado no guapo andaluz, atravessou a cidade, com sobreveste de almafega branca sobre a cotta de cavalleiro, em signal de luto. Levava os olhos no chão; e o rosto melancolico pendia para o peito. Os que o acompanhavam, compu-

aham-se a exemplo do príncipe, e como acontece, tão zelosos queriam ser na sua dôr, que as roupas e os gestos eram uma visagem da tristeza.

Vendo passar o rei, «os homens da rua» — (assim eram chamados os que não descendiam de linhagem) — conchegando-se nas escuras capas, e apertando a cinta dos compridos saios de valencina diziam uns para os outros:

— «Valha-nos Deus! Nome Santissimo de Maria! Temos novidade no reino. El-rei que sahe tão cedo, e ainda hontem enterrou o pai!?!»

— «São levantamentos de ricos-homens...»

— «Foram motins dos burguezes com o Bispo do Porto?...»

— «Falla-se, que os infantes vão sahir do «reino»...»

— «E que as infantas, Deus as ajude! não quem entregar os seus castellos...»

— «Qual! E' o legado do Sr. Papa. Vem levantar a excommunham a el-rei D. Sancho...»

— «Ora. Não sabem?... O rei mouro passou o mar e está em Sevilha...»

— «Sevilha é maravilha... Não lhe roça as barbas a mourisma inteira.»

— «O caso é que el-rei sahiu...»

— «E' verdade.»

— «O que será?»

E acotovelavam-se, e pizavam-se, e muitos cochichavam, avultando já em alguns as rosca tremulas de duas barbas, e a rotundidade de um ventre escrupulosamente municipal.

Graças a Deus eram falsos os agouros das pegas de Coimbra. Tudo corria em santa paz. Os portageiros almudavam o vinho, e cobravam os direitos em toda a suavidade fiscal das pautas conselho. A guerra, se vinha pelo caminho, vinha tropega, e de vagar. Nenhum dos que deviam acudir ao appellido (chamamento às armas) fôra avisado para estourar as grevas e o lorigão de couro enzezinado, pendentes quaes tropechos opimos do curvo gancho da afumada lareira burguezia! Estava-se em ferias de motins, de excommunhões, e de lançadas.

«Que novidade era esta pois, que tão cedo arrancava o rei dos braços da leal Coimbra?»

Vai perto ainda, honrados mesteres de Coimbra; — uma corrida não faz mal a ninguem; segui-o, e pergunte o mais curioso. — «O que fez esta leal boa gente a sua real Senhoria, para nos deixar neste dia e a tal hora?»

Mas o leitor quer saber!... ah, o leitor quer, então sim. Vamos informal-o de tudo. Affonso II sahia de Coimbra porque não queria ter mais tempo diante dos olhos a casa, aonde perdera seu pai; e nos ouvidos os gemidos e prantos das carpideiras chorando sem repouso sobre o seu leito vasio.

Era um motivo bem natural. Mas os homens bons da cidade, se lho dessem... riam-se. — E nisto é

que não tinham razão os burguezes, porque no mais... tinham-na de sobejo.

O filho de Sancho I determinou-se a demorar por alguns dias a cerimonia da coroação. Segundo costume de Hispanha queria tomar o sceptro diante da sua nobreza e do seu clero. Em quanto os bispos, os abba-des, os ricos-homens, e cavalleiros, obedecendo ao seu aviso, se ajuntavam em Coimbra, elle, empregava os momentos de ocio em visitar as terras e castellos proximos. Depois de el-rei passar, uma scena propria para attrahir a attenção dos populares, offerceu-lhes saboroso espectaculo na praça de Almedina.

O caso succedeu assim.

D. Sancho I, Deus o tenha á sua vista, era um rei economico que olhava muito para as moedas das suas arcas. O seu thesoureiro, israelita como o grande Rotschild, unia ao puro sangue judaico o sangue africano de uma formosa moura, que seu pai — o rico rabbi Judas, — elevara de escrava querida á gloria do thalamo pharisaico. Mestre Zacharias Zuleima, filho unico e mestiço deste matrimonio exercia as suas funcções com o zelo mordente do rato, que a fabula descreve impando no ouco do queijo. D. Sancho, vendo inchar as arcas affagava o honrado thesoureiro; o povo, vendo enfésar a bolça para attestar os cofres reaes, amaldiçoava-o. A consciencia de D. Zuleima era consciencia de exactor, negra como a alma de Poncio Pilatos. Assarapantando de abominaveis garatujas os livros do «recabedo,» na bolça de couro suspensa ao cinto da aljubeta, trazia um escriptorio portatil, capaz, diziam os seus inimigos, de deitar a perder n'um minuto tres casas honradas.

Em quanto vivcu D. Sancho as proezas de mestre Zacharias não tiveram castigo; mas o odio publico contava a divida, e accumulava os juros. O thesoureiro fôra nomeado ovençal nos ultimos tempos, e neste cargo lucrativo vexou com azuras escandalosas os homens livres, que traziam aforados os reguengos ou terras do rei. Entre tanto com pragas e maldições enriquecia D. Zuleima, consolando-se da sua impopularidade, afferrollhade na sala do thesouro, a revolver as pilhas luzentes de ouro e prata, que espremera como sôro, de quem já não deita sangue, da algibeira expirante dos rendeiros. Mestre Zacharias seria capaz de tirar dinheiro de um madeiro velho.

O amavel thesoureiro ainda não tinha cincoenta annos. Era baixo, grosso, mas não gordo, cara menineira, olhos vivos, faces rosadas, tésta calva e luzidia. A voz de um timbre mavioso mettia a todos no coraçào. O riso nunca se lhe despegava do bocca. As maneiras tão cortezes e palacianas, que lhe chamariam santo se não fosse judeu. Vestia uma aljubeta de sarja amarelada, cujas mangas largas de covado cahiam abertas dos lados; um albornoz escuro, e uma touca meia turbante, completavam o seu vestido sempre aceiado, mas nunca rico ou vistoso.

O demonio não é tão feio como o pintam. O oven-

gal de el-rei excedia o proprio Aureaz na sciencia do talmud — e na da usura a todas as tribus errantes do seu povo. Nos conselhos, que dava, (era a unica cousa que dava de graça) havia sempre o cunho da prudencia consummada. De uma avareza intelligente, favorejava os bons negocios, removia céu e terra para entrar nelles, intallava se podia seus irmãos em Moyses, e, com os lucros em seguro, ria-se, esfregando as mãos, dos que perdiam, e chorava os que ganhavam. De palavras mansas, armado sempre de planos admiraveis, como os capuchos hygrometros adivinhava o sol e a chuva — o bom e o máu tempo. Antes das catastrophes inflava o capuz e fulminava os que estavam a cahir . . . Era fatidico como o piar do môcho, como o uivar do cão — o seu vaticinio. — Casa, que elle agourasse arrebetava d'alto a baixo como abobara estourada.

D. Zuleima lera a Biblia com fructo. Sabia da amizade, que lhe tinha o povo, e acautelava-se para não morrer das suas caricias. Por emprestimos, seguros e onerosos, mas feitos com apparente liberalidade, contava nos principaes Senhores da côrte protectores para a adversidade. Este Noé, dentro da arca do seu thesouro, boiava em cima das aguas do diluvio . . . e depois de secca a terra, descia, e punha-se á direita do vencedor.

Em quanto durou a doença de D. Sancho o honrado Zacharias, na torre albarran, esteve de sentinella aos seus maravediz. Depois da morte do monarcha conservou-se á sombra uns dias. O primeiro e o segundo passaram; o terceiro ainda; mas o quarto . . . aquelle em que se vencia o prazo d'arrecadar?! — o quarto não podia correr assim.

A prudencia dizia: — «D. Zuleima, meu amigo, a gente não sabe quem lhe quer mal; temos inimigos.

Deixa-te ficar; o povo anda alterado, e a tua vida não ha dinheiro que a pague.» — A avareza d'outra parte gritava: — «Medo e fortuna não cabem d'um cesto. — Quem não arrisca, não ganha. — Zacharias Zuleima vai como a pobre Ruth respigar ao teu campo, ou vem os pardaes e levantam «o trigo.»

Neste pleito entre a prudencia e a avareza, venceu a uzura. O judeu, invocando Moyses e a toura, pôz o pé fóra do seu ninho, atravessou a levadiça do castello, investiu com o bairro coutado dos ricos-homens, e achou-se em plena cidade. Até alli tudo eram sopas de mel; e o nosso israelita já respirava menos mal. Perto da Portagem um estafermo verde-negro, corcovado, e côxo psalmeava de dia, e ressonava de noite umas cantigas aos milagres de S. Domingos de Silos. A «Cégarréga» era freguez certo de esconjuros a D. Zuleima. O judeu, que ia caminhando com toda a cautella, lá o descobriu, encolhido com os joelhos á bocca, cabeceando a compasso da ultima nota estrangulada pelo somno nas fauces do orpheo maltrapilho. O rouxinol adormecera dos proprios gorgeios.

Mestre Zacharias passou o mais depressa, e o mais

de leve que soube. Quasi pé ante pé; mas o homem da «Portagem» dormia como Argos. Espreitou a victima pelo canto do olho, e apenas o bondoso thesoureiro virava a quina, saltando nas muletas, em pulos de «louva-a Deus,» deitou a correr atraz delle a Cégarréga, veloz como um relampago.

A má sina do judeu deparava-lhe justamente outro perseguidor, na pessoa do famoso «Pero Britador,» Vulcano de Coimbra, — o melhor ferreiro — alfageme de todo o reino. Espadaudo, de cabellos pretos e crespos, tez morena, olhos reluzentes, pulso capaz de estourar a testa de um touro, se lhe acertasse em cheio.

Mestre Pero assobiava á porta da forja, acabando de pulir uma ascuma de largo cutello. A haste, grossa e curta, pintada de fresco, seccava ao sol de fóra da porta. Lá dentro ia um inferno de malhos, batendo arnezes e capellos, puxados por homens chamuscados ao fogacho avermelhado das fornalhas.

D. Zuleima enfiou. Conhecia que bom amigo fizera do armeiro. Duas penhoras injustas apearam do fóro de cavalleiro-villão o illustre «Pero Britador»; e este obsequio particular fóra obra do melifluo thesoureiro. Jurou-lhe pela pelle até á primeira occasião; e que o alfageme não era homem de quebrar nem torcer é o que o honrado Zacharias sabia melhor, do que ninguem. Por isso apenas deu de face com elle doeram-lhe todas as costellas. Cozendo-se por isso com a parede, procurou sumir-se o melhor possivel.

Pero Britador deixou-o ir até elle entrar na praça de Almedina, onde estava a «picota» ou pelourinho. Depois, dando um assobio agudo para dentro da forja, pegou na haste da ascuma, e em duas passadas estava com o risonho Iscariotes.

O páu girou no ar, gemeu, e desabou, como alavanca, no costado do virtuoso D. Zuleima.

— «Então que é isso amigo velho? Assim se vae rollando sem fallar á gente?

— «Deus de Moyses!»

Gritou a victima atordoada, derreando-se á pancada, e fitando no armeiro olhos pasmados de medo:

«Malha meu armeiro,

E não cesses de malhar.

Bate o ferro qu'está quente

Té a mão te calejar!»

rezava em côro ao mesmo tempo uma chusma de galliotes, couteiros, e moços de monte, apenados pela «Cégarréga da Portagem» que pulava, nas muletas, bracejava, grunhia, e balouçava as duas corcovas a compasso entre esta cachinada infernal.

O judeu lembrou-se da prizão de Christo no horto, e fez-se de neve. — Aquillo podiam ser as reprezalias tomadas ao seu povo, na humilde pessoa delle devoto e innocentissimo D. Zuleima, pelo aucto pharizaico do Calvario.

Entre tanto o vulgacho enchameava, zumbiado em

redor do padecente. As pragas dos galliotes rachavam ceus e terra. A voz taurina de mestre Pero e o falso arrengado da «Cigarra» em «dueto de bravura», a cada instante attrahiam novos espectadores. Muitas cabeças curiosas já se começavam a arriscar pelas esguias frestas e pelas portas entreabertas das casas vizinhas. Dahi a alguns minutos as ruas trasbordavam de povo. Era uma feira!

Mestre Zacharias tremia como varas verdes. Sentia-se atravessado na bocca do lobo. Fullo-verde, fullo-roxo, fullo-livido, torcia a bocca em visagens avinagradas, torcia os braços em momices lacrimosas, e no meio do arruido parecia o telegrapho vivo do medo.

— «Deus de Izaac e Abraham!.. soluçou, virando-se, e revirando-se com a rapidez do sarilho, a cada murro anonimo, a cada pontapé clandestino, que lhe remettiam cordealmente ás costas e ás pernas os mais proximos dos «scribas nazarenos.»

— «Blasphema, ouves?» — bradou a chusma.

— «A tormento!.. façam-lhe cuspir o nome dos seus idolos.»

— «Ouro derretido naquellas guellas de serpente! E' do que roubou ao povo.»

— «Alto! — gritou o armeiro — Leva rumor! onde estam os alvasis?..»

— «Não queremos alvasis; morram os alvasis!..» berraram muitas vezes.

— «Deixa viver quem vive, asno — atalhou o misericordioso Pero. — Os alvasis cá d'arraia miuda é que eu fallo.»

— «Aqui — aqui estão todos.»

— «Bom! Vamos dar sentença cá ao Judas das arcas. Lei do povo. «Pão e páu.» Elle comeu-nos o pão, e a gente dá-lhe com o páu, hem? Não é assim rapazes?»

— «E', é. Viva o alfageme.»

— «E os alvasis do concelho, que lhe deem depois outra pelle... ou nos multem, que eu, que nós todos lhe diremos o que ha de ser!..»

— «Abaixo os alvasis!..»

— «Acima, digo eu.» Cigarra da Portagem, uppa! Alli em cima para alvasil. E tu, e este. Bem. Eu faço o porteiro; vós os homens bons; e que venham contar-nos que a gente do povo não sabe justiça!»

Á medida que fallava, o tribunal improvisava-se, os galliotes arruaram-se, e o judeu entre baldões era arrastado á presença dos inclementes juizes, no meio do tropel dos rapazes, e do resmungar das velhas, a parte mais desinquieta do auditorio.

A larça prometia.

— «Vem cá judeu, iscarriote, damnado feiticeiro — exclamou a «Cigarra da Portagem» não déste mal de olhado a esta cidade?»

D. Zuleima podia perguntar, em que offendera elle os Srs. juizes da arraia miuda. Mas a lingua tinha-

se-lhe grudado ao ceu da bocca, e a garganta estava tão apertada, que nem um som o deixava articular.

— «Anda, dize... falla!» insistia o corcovado.

— «E ainda se cançam em puxar pela lingua a essa vibora, que tem pacto com o demonio, Sabbado de Nossa Senhora é hoje?» — acudiu uma aceiada matrona, que pelo tezo e engomado das enfunadas toucas, dava ares de pessoa devota. — «O excommungado de um bruxo, que me chupou o sangue a dois netos sem temor de Deus nem dos meus bentos santos!..»

Um brado de horror sahiu dentre as multidões, que deram um repellão para se arremessarem contra D. Zuleima. O armeiro interpoz-se.

— «Vamos, tia Bona, calle-se. Deixe andar a justiça...»

— «Coxa seja ella, e cega eu, Deus me perdoe, se me callar! — gritou uma oitava acima a veneranda matrona. Dois anjinhos, dois serafins do throno do Deus-Menino!»

E mostrava duas creanças pardas, enfezadas, e feisimas, que trazia pela mão.

— «Deitou praga na vinha de mestre Chambão...»

— «Affogou em tosse Pero Calvo do rio.»

— «Fez penhora a Estevam Caiado, que está a pedir esmola.»

— «Isto brada ao ceu!..» exclamaram em chusma os galliotes e ferreiros tinindo os ferros, e batendo os remos n'um arremesso contra mestre Zacharias.

— «Ouçam os alvasis!.. chuta!» barafustava a «Cigarra da Portagem.»

— «Sessenta açoutes!» bradou um dos juizes.

— «Noventa!..» disse outro.

— «Duzentos!» concluiu a «Cigarra.»

— «Quem ha de cá dar tanto açoute?!.. berrou a voz taurina de mestre Pero.

Mas a bulha crescia — os apupos, uivos, e palmas das atroavam tudo. Era um motim formal. De quando em quando toucas, gorros, e sombreiros, dançavam no ar, no meio das rizadas do povo. Havia ondulações continuas naquelle már de cabeças. Estalavam aqui gargalhadas grosseiras; alli guinchavam pipias de creanças; acolá retiniam ameaças, e imprecações.

Condemnado verbal e summariamente, o thesoureiro, viu-se de repente, nas garras de tres dos corpulentos Cyclopes da forja, que lhe arrancaram a aljubeta, o albornoz, e a touca, empunhando logo as tremendas varas da justiça popular.

— «Hi, Hi! olha a vassoura das senzalas!... Vae beijar o bode, bruxo!»

— «Cruzes, demo!»

— «Belzebut que te acuda, cão!»

— «Peior fez elle a Christo!»

— «Hu! Hu! morra o judeu!»

Estas consolações partiam das ruas apinhadas da gentilha, e eram correspondidas nos degraus do pelou-

rinho, pelo regougar das comadres velhas do bairro, assentadas para assistir á paixão do judeu. No meio dellas a Sr.<sup>a</sup> Dordia Viegas assulava as iras populares com exclamações furibundas.

— «Fel e vinagre ao cão tsnado» gritou ella meneando um viçoso braçado de hortaliça.

— «Olha a coruja rabugenta! — disse o alfageme ao corcovado da Portagem.

— «O' tia Dordia ha muito fel e vinagre lá por casa?» exclamou elle.

A seta batia no alvo. Não tinha fama de muito limpo o sangue da tia Dordia.

— «Não te calará bocca dos sete peccados?» — retrocou a Sr.<sup>a</sup> Dordia Viegas, fincando os punhos nas ilhargas, na graciosa figura de moderno assador «sete pragas te sequem as guellas, chamiço maldicto!»

— «O' lá Simão Ferro, corta-me a lingua a essa serpente de clerigo!» respondeu mestre Pero virando-lhe as costas.

Era outra allusão cruel. A pudibunda matrona andava nas linguas da calumnia, por alegrar as penitencias de um servo de Deus.

Ia replicar ella toda acceza em raiva, quando Simão Ferro com seus dedos dignos da alcunha lhe apertou os gorgomillos n'uma tenaz, obrigando-a a ficar sem resposta pela primeira vez da sua vida.

O judeu pagou tudo. As velhas gritaram em côro contra elle, e o povo gritou por ouvir gritar as velhas.

— «Assem o judeu!» clamou um couteiro.

— «Façam-lhe tragar um porco vivo!» disse em triple um clerigo moço.

— «Deitem-no ao rio!» gritou um bêsteiro torto.

Esta idéa, como mais atroz e praticavel, mereceu o applauso do vulgacho. Muitas vezes repetiram:

— «Ao rio, ao rio o judeu! morra! mata!»

A assuada transformou-se em revolta. Nem a Cigarra, nem o Armeiro, nem os Cyclopes da forja podiam já com ella. Como succede, os amotinadores, deixando os capitães atraz, ameaçavam tudo. Os populares de um repellão encurtaram o espaço que mediava entre elles, e o pelourinho. Com clamores a um tempo estouraram como trovão. Mestre Pero, empurrado, entalado, balouçado, elle tão possante e robusto, volteava no meio delles como a pluma de um cavalheiro ondêa ao vento.

Neste momento critico o Armeiro, que arrastára consigo o judeu até ao estrado da picota, olhou para a rua, que lhe ficava nas costas, e apercebeu as ascumas e os guarda-cós verdes dos bêsteiros do conceelho, que desciam da ingreme ladeira, trazendo no centro o illustre Sueiro Gundes, porteiro dos alvasis. Os amotinados tambem os viram, e recuaram, como o tigre para melhor armar o salto.

## POESIA.

D. SEBASTIÃO.

» E D. Sebastião virá montado no seu cavallo branco  
» de batalha n'um dia de nevoa cerrada. »

(Tradición popular.)

Nos campos d'Alcacer batalha famosa  
De crentes e mouros tremenda se deu;  
De setta raivada na lueta afanosa,  
O rei lusitano na plaga morreu.

Quem pôde no peito dizer á saudade,  
Esquece dos bravos façanhas leaes,  
Talvez que não tenha sequer piedade,  
De vêr abatidas as quinas reaes.

Monarcha mancebo, ousado, e valente,  
Lembrou-se d'Arzilla, de Ceuta, e de Fez:  
Soldado de Christo lembrou-lhe na mente,  
Vencer resolute, morrer portuguez.

Que rija contenda nos campos se atea,  
Tornou-se a batalha matança geral.  
Vencido na lueta, fundido na areia  
Perderam-se as joias do sceptro real.

Do Deus das batalhas decretos divinos,  
Quem inda até hoje mostrou sabedor!  
Palavras dos homens não são mais que os hymnos  
Que a terra levanta p'ro seu creador.

Partiram-se todos; a crença os inspira  
Na lueta travada por si — pela fé,  
Glorias de Ourique, luctando as aspira  
Quem menos que Affonso por certo não é.

As quinas prostradas lá rojam por terra,  
Lá fica abatido do reino o pendão:  
De tantas antigas glorias qu'encerra  
Lá ficam sepultas n'um arido chão.

O povo singello nas crença herdadas  
Do rei a memoria nos peitos sagrou;  
E crê, que d'Alcacer, nas trevas cerradas,  
O rei lusitano da morte escapou.

Espera inda vê-lo com rija armadura  
Escapo por graça d'amor divinal,  
Trazer ao seu reino, da paz a ventura,  
Entrar triumphante no seu Portugal.

Em dia de nevoa escura, e cerrada,  
Montado com garbo virá o bom rei  
Que tem n'uma ilha, com vida encantada  
Isempto, affrontado dos mortos a lei.

Mas quando elle venha salvar-nos sem medo  
Ninguem, sem mentira, talvez o dirá;  
Não só por ser grande, mui grande segredo,  
Mas por não saber-se d'onde elle virá.

30 de Junho de 1848.

Luiz Augusto Xavier Palmeirim.

## RECORDAÇÃO

A M. . . . .

I must weep, but these tears are cruel.  
Shakespear — Macbeth.

Era uma linda noite — era daquellas  
Que o céu nos concedeu para punir-nos.

C'o pungir da saudade  
Quando depois de negros dissabores  
Um reflexo de amêna felicidade  
Indeciso ficou, entre os horrores  
Da pungente, cruel realidade.

Era então, nessa noite, o firmamento  
Tapete recamado  
Onde rútilas per'las cento a cento  
I'am morrer no occaso desejado,  
A lua discorria lentamente,  
E a meu lado folgavas innocente  
E junto de meu peito eu te affagava,  
E ao pallido fulgor da lua errante  
Teu angelico rosto se animava.

Então eras tão bella  
Que vêr em ti julguei o anjo puro,  
Que em sonhos adejando me surria,  
Quando minha alma a terra despresando  
Em poz de auras visões se desprendia.

Lembra-te ainda aquelle idoso tronco  
Onde a airosa cabeça recostavas,  
E aquelle ramo branco,  
Que emballado dos zephyros ligeiros  
Sobre a relva — tecia — de folhagem

Alfombras que pisavas?  
Como a teus pés as candidas boninas  
Os anjos desfolhavam?  
E c'o o frescór da languida bafagem  
Tuas eburneas faces animavam?

Cadente murmurava ao longe a vaga  
Que mansinho na praia ia rolando  
Poisar humido beijo,  
Na areia que luzia,

E depois perguçosa deslizando,  
Entre as ondas, que vinham, se escondia.

E das harpas aereas mansas brizas  
Que nas sombrias ramas discorriam  
Saudando nosso amor,  
Melancolicas notas desferiam

E em seu terno suspiro a agreste flor,  
Mil essencias balsamicas soltava  
E as auras que bebias perfumava.

Quanto é doce animar extinctos dias  
Que de amor infantil se alimentaram  
Evocal-os da noite umbrosa e longa  
Em que quasi no alvor se sepultavam!

E da saudade branda  
Bafejando com os halitos celestes  
D'esperança delirar, bradar cioso:  
Fulge — de novo. — Dias que morreste

Arrebôes da manhã — Surgi, córac,  
Ramos reverdescei, brotai virentes  
Matutinos orvalhos, rocíae  
D'alma as minhas florinhas innocentes.

Mas Elysa, não mais recordemos  
Esse amor que de todo fugiu,  
Pó funéreo dos tempos que passam  
Para sempre na campa o sumiu.

Era doce, era meigo, innocente  
Esse amor, que no mundo gozei,  
Do que vive, a existencia mesquinha,  
E' do mundo a mais rigida lei.

Era ardente esse amor, mas não pende  
Com seu manto, que o rócio aljofrou,  
E não murcha, não cáe desfolhada,  
Branca roza que o prado creou?

Era forte. . . . E não mandam os annos  
Que alto chopo se prostre no chão,  
Quando o inverno cem vezes lhe brada  
Pelo rouco bramir do tufão?

Era puro. . . . E da Virgem que sonha  
Do viver infinito horizonte,  
Não se fanam as rozas na face,  
Não lhe toucam de goivos a frente?

Elysa o sudario não mais levantemos  
Do tempo saudoso que lédo vouou,  
E á urna que encerra finados amores  
Deixemos-lhe a paz — que Deus lhe fadou.

Da roxa saudade — as folhas mimosas  
Não queiras, Elysa, — alli derramar,  
Que a par dos encantos — da meiga saudade  
Se occultam venenos, — que podem matar.

Esquece-te, Elysa, — que a lyra funesta  
Não ha de importuna — sentida gemer;  
Que a amarga memoria — dos tempos que foram  
No fundo do peito — eu juro esconder.

Latino Coelho.

Neste numero da « Epoca » não se inseriu a chronica, por ter esta sido caracterizada de parte politica pela Inspeção dos Correios, em virtude da Portaria do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, explicativa da Lei das Cortes sobre portes de jornaes. Para os nossos assignantes não serem oncrados com o porte marcado aos jornaes politicos, foi por tanto suprimida a chronica. A direcção da « Epoca » vae desde já interpor as suas reclamações perante o Governo a fim de que o seu periodico não seja mutilado das noticias do reino e dos paizes estrangeiros de maior curiosidade, a pretexto de conterem politica. Logo que este incidente se resolve, como é de esperar, serão remettidos aos Srs. Assignantes da « Epoca » os numeros anteriores que lhe faltarem, e se acham feridos do interdito pronunciado pela referida Portaria do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.